

Uma Copa, um Zagallo e os “seres inferiores”

DANILO ANGRIMANI
(Universidade de Mogi das Cruzes)

A cobertura de um evento de característica mundial, como uma Copa do Mundo, desperta em qualquer jornalista o desejo de participar, de estar lá, de cobrir cada detalhe da competição. O mais importante é correr para o olho do furacão e dar o melhor de si. A Copa é talvez o maior acontecimento mediático do planeta. Se cobrir a Copa já é um privilégio, imagine então fazer a cobertura do “maior time do mundo”?

É bom lembrar que, até 12 de julho, o “maior time do mundo” não era a França, mas o Brasil. Recheado de estrelas, títulos, promessas, o time brasileiro significava para o correspondente internacional a garantia de um mês e meio de manchetes.

Visto à distância, aquele correspondente internacional, encarregado de seguir os passos da Seleção do Brasil, assumia a perspectiva de pertencer a um grupo de elite. Esse jornalista não só participava da Copa, como estava ao lado da Seleção mais famosa e carismática do mundo.

Apenas um jogador (Ronaldinho), desse grupo de estrelas, tinha para si 42% da mídia mundial. Isso significava dizer que a revista que mais vendia em Pequim trazia Ronaldinho beijando sua namorada; que em Bangladesh, no Japão, na Austrália, a maior parte da população estava interessada em ler notícias sobre o artilheiro da Seleção e seus companheiros.

Se, de longe, o quadro poderia impressionar; de perto, era constrangedor. A Seleção do Brasil, que disputou a Copa da França, tinha uma estrutura amadora, relapsa, discriminatória, incompetente.

O jornalista que chegava para acompanhar o treino da Seleção no estádio Trois Sapins (Três Pinheiros), em Ozoir-la-Ferrière, topava com um quadro que misturava a barbárie à arrogância; o protecionismo ao clientelismo. Os repórteres eram confinados em um cercado metalizado, que foi propriamente denominado de “curral” - e às vezes de “chiqueirinho”.

A condição de trabalho era sórdida. Não muito diferente da de um preso, em uma cela superlotada. Em um espaço onde caberiam 50 pessoas, a CBF (Confederação Brasileira de Futebol), através de sua assessoria de imprensa, enfiava 800 jornalistas.

Os profissionais ficavam amontoados. Não podiam assistir ao treino, porque “perderiam” o lugar no “curral”. Quando o treino terminava, alguns jogadores aproximavam-se de repórteres escolhidos e concediam entrevistas. Atrás desses “escolhidos”, por critérios nunca determinados, havia uma multidão de profissionais literalmente amassados.

Mais do que competência profissional, o esquema amador da CBF condicionava que o bom repórter era aquele que tinha preparo físico,

capaz de suportar de quatro a cinco horas, em pé, sem se mover do lugar, recebendo pancadas nas costas e levando ocasionalmente uma câmera de TV na nuca.

O comentarista de TV, Juez Soares, ao chegar no estádio Trois Sapins e se deparar com o "curral", fez um comentário irônico, mas que mostrava apurado espírito de observação: "Repórter já é um ser inferior e ainda por cima o colocam dentro de um chiqueiro..."

Poderia ter ocorrido à CBF profissionalizar o atendimento, escolhendo alguns representantes da Comissão Técnica e jogadores para conceder entrevistas coletivas, em uma sala adaptada para isso, com microfones e condições técnicas viáveis. Mas como exigir tamanho preciosismo de um assessor de imprensa, como o sr. Nelson Borges, que andava de um lado para o outro do campo, reclamando das solicitações dos jornalistas. "Vocês só me encham o saco", ele repetia incansavelmente ao longo de quase dois meses.

O fruto desse trabalho insano era uma câmara de eco do absurdo. Muitos repórteres não usavam gravador. Armados de um bloco de anotações e caneta, eles ficavam atrás do "escolhidos" (repórteres de TV e rádio) e captavam sobras de declarações, muitas vezes reproduzidas em segunda mão.

Comparada com outras seleções, a incompetência brasileira era brutal. Quem fazia a cobertura de seleções que o Brasil enfrentaria, como Chile e Dinamarca, tinha a impressão de cruzar a fronteira de um país destruído pela guerra e chegar à organização de uma nação do primeiro mundo. Técnico e jogadores respondiam a todas as perguntas, em condições adequadas, com boa educação e profissionalismo.

Visto mais de perto, o lado brasileiro ostentava outro problema: era eticamente flagelado. Havia, por exemplo, uma relação promíscua entre alguns jornalistas e representantes da CBF. Ocorriam cenas lastimáveis no dia a dia da cobertura.

Como esquecer da cena, na concentração em Lésigny, que mostrava um robusto componente da Comissão Técnica, arrastando periodicamente um saco cheio de bonés coloridos da Seleção, enquanto os jornalistas gritavam atrás da cerca: "Joga um pra mim, Barreto! Joga, Barreto!"

O cidadão encorpado, protegido do lado de lá do cercado, enfiava a mão no saco e atirava os bonés em direção à multidão de jornalistas que trocavam sopapos e empurrões no chão, para conseguir se apoderar de informação tão preciosa.

Em uma montagem ruidosa de uma peça dos anos 60, o então teatro de protesto, que se fazia, mostrava uma cena parecida, com um ator fantasiado de Tio Sam atirando moedas aos miseráveis da América Latina. Brasileiros, bolivianos e paraguaios, entre outros, se atiravam pelo palco, em busca dos níqueis. Qualquer semelhança...

Havia distribuição de camisetas e uma outra, mais polêmica, mais reservada, que obedecia a um critério desconhecido. Ingressos dos jogos do Brasil eram dados a certos jornalistas, que os revendiam no mercado

paralelo. Na viagem de retorno ao Brasil, um repórter confidenciou que havia ganhado “apenas” US\$ 2 mil, com venda de ingressos no mercado paralelo. Era uma nova categoria de profissional que se mostrava ali: a do jornalista/cambista.

Quando Zagallo, em mais uma de suas investidas nervosas, respondeu a um repórter que ele “devia muito para a CBF”, não devia estar só fazendo jogo de cena. Nesse imbróglio de relações promíscuas, onde ficam critérios profissionais que falam em isenção, distanciamento, procedimento ético?

Distorções

Diante da falta de notícias exclusivas, naquela imensa entrevista coletiva desorganizada, havia um outro procedimento: a deformação das declarações dos entrevistados. Um exemplo típico: os repórteres estão conversando com o então médico da Seleção, Lídio Tolêdo. Um repórter pergunta para o médico: “Dr. Lídio, o Ronaldinho parece mais gordo”. O médico olha para o campo e vê o artilheiro, parado em campo, com as mãos na cintura, e responde: “É, visto daqui, ele parece gordo, mas está com o peso normal”. Manchete no dia seguinte: “Dr. Lídio diz que Ronaldinho está gordo”.

Um episódio que configura a distorção nas informações é o de uma suposta bomba que agitou o estádio Trois Sapins, pouco depois da chegada brasileira à França, em maio último. A polícia suspeitou de um carro, não-identificado, que estava no estacionamento do estádio. Por excesso de zelo, o carro foi explodido, porque havia um pacote suspeito, em seu interior. Verificou-se depois que o veículo pertencia à mãe de um electricista. O profissional tinha trabalhado várias horas seguidas no estádio e não tivera tempo de deixar o pacote, com material esportivo, em casa.

O carro era um Renault e foi chamado ao longo do dia de “Fiat”, “Citroën”, entre outras marcas. O sempre preciso e atento repórter da Jovem Pan, Wanderlei Nogueira, disse que no Brasil o Renault do electricista poderia ser comparado a um Fiat Uno.

No entanto, quem passava pelo “corredor polonês” de repórteres de emissoras de rádio, que falavam do estádio Trois Sapins, poderia escalar uma seleção de absurdos. “Ameaça de bomba para treino da Seleção”, gritava um repórter; outro falava que “o atentado” poderia ser uma ameaça de “grupos islâmicos radicais”.

Na realidade, o treino da Seleção não havia sido interrompido, porque o ônibus que transportava os jogadores do Brasil já havia deixado o estádio, quando a polícia começou a verificar o carro suspeito. Portanto, a “ameaça” não poderia ter parado algo que não estava acontecendo. Não havia “atentado” e sim um mero pacote suspeito dentro de um carro.

O pesquisador que quiser resgatar a cobertura da Copa terá um material inestimável para se servir. Como o exemplo da falsa polêmica, envolvendo a suposta gordura de Ronaldinho, há vários outros momentos, onde ficou evidente que as declarações dos entrevistados foram distorcidas

para o repórter conquistar a manchete. Por exemplo, quando Edmundo disse que se sentia melhor e achava que estava jogando mais que Bebeto, os jornalistas foram perguntar ao atacante titular o que ele achava das declarações do "colega" de equipe. Diplomático, Bebeto disse que iria primeiro conversar com Edmundo, para saber o que estava acontecendo. Manchete de um jornal no dia seguinte: "Bebeto diz que vai tirar satisfações com Edmundo".

O pior exemplo de distorção na informação que era levada ao público não vinha de casos pontuais e sim de uma indiscriminada cobertura ufanista. O jornal "Lance", por exemplo, antes da partida contra a Holanda colocou uma vaca holandesa na capa e saiu com a manchete: "Vai ser teta". Não foi "teta", como o leitor sabe. O Brasil passou pela seleção holandesa, depois de uma partida difícil, com direito a prorrogação e disputa de pênaltis.

Um repórter da rádio "Cajuru", quando a Seleção preparava-se para a semifinal, confidenciou que não poderia fazer perguntas "embaraçosas", porque "a partir daqui a cobertura precisa ser pra cima". Havia um outro problema: "Eu só posso fazer uma pergunta difícil, se abrir a porta para uma resposta", ele explicou. Assim, com receio de deixar de ser atendido pelo jogador, que o pretere por um colega de uma emissora rival, o repórter de rádio precisa fazer perguntas que envolvem um emaranhado técnico de possibilidades e saídas possíveis.

Por exemplo, se alguém quisesse questionar Zagallo sobre a escalação de Roberto Carlos, que fazia uma série de apresentações precárias na Copa, enquanto seu substituto, Zé Roberto, vinha tendo uma excepcional participação nos coletivos, era preciso fazer uma pergunta assim: "Professor Zagallo, o sr. que costuma arriscar e não dá bola para o que a torcida pensa, o que o sr. acha da possibilidade de trocar o Roberto Carlos pelo Zé Roberto, apenas para uma experiência?"

Para concluir, o que dizer diante de um profissional que acaba de entrevistar um jogador e pede um autógrafo ao entrevistado? Como funciona a cabeça de um jornalista/caçador de autógrafos? O leitor poderia questionar essa crítica, lembrando que na realidade o jornalista não estava entrevistando jogadores ordinários de futebol, e sim os mais famosos atletas da modalidade.

Na prática, a mídia cercou a Seleção por um cordão protetor ufanista que ficou sem voz diante do desastre final. De qualquer maneira, é sempre bom lembrar, jornalista não é caçador de autógrafo, nem vendedor de ingresso no mercado paralelo, nem deve aceitar jabaculê com tanta disposição muscular, como se via nos jardins do Castelo Grande Romaine, por onde ainda deve estar ecoando a voz fantasmagórica do "professor" Zagallo: "Vocês devem muito para a CBF".